

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO
CONVÊNIO SOPSP/COGEAE – PUC
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO – FORMAÇÃO EM
PSICODRAMA

WENDY PRADO

TRICÔ PSICODRÁMATICO: TECENDO HISTÓRIAS

São Paulo, SP
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO
CONVÊNIO SOPSP/COGEAE – PUC
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO – FORMAÇÃO EM
PSICODRAMA

WENDY PRADO

TRICÔ PSICODRÁMATICO: TECENDO HISTÓRIAS

Monografia de conclusão do curso de especialização - Formação em Psicodrama da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Convênio com a Sociedade de Psicodrama de São Paulo.

Orientador: Sergio Perazzo

São Paulo, SP
2013

SUMÁRIO

A HISTÓRIA DE UMA INTRODUÇÃO	10
INTRODUÇÃO	19
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
METODOLOGIA	29
O ENCONTRO	32
ANOTAÇÕES DE UM DIÁRIO	37
COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

*Dedico este trabalho à “Turma Quente”,
amigos de jornada e de construção do meu
papel de diretora de grupos.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador, Sergio Perazzo, que do seu jeito singelo e acolhedor ajudou a transformar dentro de mim as barreiras encontradas para a elaboração desta monografia. Pelo incentivo especial para utilização do meu diário de viagem.

Às mulheres integrantes do grupo de trabalho, agradeço imensamente a oportunidade que me deram, por confiar em mim e, principalmente, por me acolherem de forma tão cuidadosa.

Aos professores do curso de formação, que me ensinaram, cada um a seu modo, o psicodrama, em especial à coordenação do curso: Dra. Julianna Emma R. Florez, Dra. Marília J. Marino, Dra. Maria Ceriza Fantini Nogueira Martins e Ms. Maristela Teixeira Gasbarro, que manteve contato direto comigo todas as vezes que precisei, ora para mim, ora para a “Turma Quente”, da qual fui representante.

Em especial à Prof^a. Natália Giro, que muito me ensinou e ensina em cada direção do trabalho Ressonância Corporal, e pelas conversas que tivemos acerca deste trabalho.

Ao meu querido e amado marido, Maher Hassan Musleh, pelas palavras de incentivo do início ao fim deste trabalho e pelo exemplo de humanidade deixado constantemente em nossas conversas. Te amo muito, meu amor!

À Regina França e Vanda Di Iorio, maestrinas da minha formação em Terapia de Casal que, sem dúvida, tem direta relação na minha busca pelo aprimoramento do psicodrama.

À Clóris Zilá, que me inseriu no grupo no qual desenvolvi este trabalho e que sempre acompanhou minha jornada profissional.

Ao povo palestino que, com seu sofrimento, dedicação e coragem me ensinaram que a vida é vista de muitos ângulos diferentes. E que desistir não é uma opção!

Aos amigos queridos do Líbano, que me ensinaram valores familiares, de amizade e patriotismo. Para vocês não tenho palavras para agradecer... Vocês fazem a diferença na minha vida, na minha história e no meu desejo de aprender a língua árabe.

À Carmen Livia Parise, minha analista, muito obrigada por tudo. Obrigada pelo incentivo, por me ajudar a me recompor nos momentos mais difíceis da minha jornada e por estar ao meu lado todas as vezes que precisei.

Aos meus pacientes, que me ensinam a ser uma pessoa cada vez melhor.

À Tamisa C. Pereira, pela amizade e companheirismo, seja durante o curso ou na fase da monografia. Trocamos muitos “torpedos” durante a construção deste trabalho.

À Teka, que espontaneamente sugeriu o tema deste trabalho. Adorei!

À Maria Gorette Nunes Marques, amiga e revisora deste trabalho. Muito obrigada pelas trocas vivenciadas em nossas conversas.

*“O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a
busca, e é preciso andar muito para se alcançar o que
está perto.”
(José Saramago).*

RESUMO

Título: *Tricô Psicodramático: Tecendo histórias.*

Este trabalho mostra o encontro, realizado através do psicodrama, com um grupo de mulheres que se reúnem semanalmente para a confecção de enxovais para gestantes carentes, como forma de superação pela perda de seus próprios filhos. Nele são discutidos temas que envolvem a psicoterapia de grupo e a diferença entre os grupos psicoterápico e terapêutico. A autora aborda a coesão grupal, fazendo uma inter-relação entre o grupo trabalhado e outros grupos de mulheres vivenciados por ela, fora do contexto psicodramático. Ela reflete também sobre a importância do aquecimento e algumas técnicas do psicodrama, bem como discute as dificuldades para montagem de grupos nos dias atuais.

Palavra-chave: Grupo, psicodrama e mulheres.

TRICÔ PSICODRAMÁTICO: TECENDO HISTÓRIAS

WENDY PRADO

BANCA EXAMINADORA

Orientador Sergio Perazzo

SOPSP

Presidente da Banca

Anibal Mezher

Adelsa Cunha

Monografia defendida e aprovada em: ____/____/____
São Paulo

1. A HISTÓRIA DE UMA INTRODUÇÃO

Início esta monografia relatando sobre o trabalho que eu gostaria de ter realizado e que não aconteceu. Em julho de 2012 fui pela segunda vez ao Líbano com meu marido, que é filho de palestino e que viveu até os 14 anos naquele país.

Contava desenvolver um pequeno projeto relacionado ao psicodrama, mas não foi possível porque os mulçumanos estavam no período do Ramadan (mês de jejum e a instituição onde eu pretendia desenvolver o trabalho estava em recesso). Contudo, as experiências vividas por mim foram tão importantes e reveladoras que resolvi escrever um diário da viagem. O intuito era compartilhar com amigos e familiares o que eu estava vivenciando e manter registrada aquela experiência.

Quando voltei da viagem começou no Curso de Formação em Psicodrama a disciplina que aborda o projeto de monografia. Eu estava certa que iria escrever sobre minha experiência, queria fazer uma leitura moreniana da cultura árabe, mas para minha surpresa e, confesso, certa decepção, isso não foi possível, porque é exigido pela Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP) que a monografia com foco clínico contenha, no mínimo, algumas amostras de uma prática psicodramática num contexto de pesquisa-ação, seguindo o modelo acadêmico que rege as teses de trajetória universitária. Como conciliar uma coisa com outra? Foi o obstáculo inicial com o qual me defrontei na escolha de um caminho a seguir.

Fiquei muito chateada, me sentindo bloqueada para usar minha criatividade na escrita. Para fazer um trabalho teórico, eu teria de provar que nele existia prática, como me disse um supervisor. Minha irritação só foi aumentando ao longo do semestre. Quando entrei no último módulo do curso, me sentia completamente tolhida, sem ideias, não queria escrever sobre algo apenas para cumprir a tarefa, queria escrever sobre um tema que me apaixonasse. Demorei muito para encontrar algo diferente do que eu queria inicialmente. Meu orientador, muito querido por mim, sempre me apoiou, tentou me ajudar com as possibilidades de usar o diário, mas eu não encontrava ligação com a minha prática clínica. Na verdade eu tive de elaborar o luto do tema que eu não poderia

mais escrever e quando percebi isso me permiti ficar no “limbo”, no nada. E assim se passaram longos meses.

O prazo foi se aproximando e minha ansiedade começou a me atrapalhar. Eu estava estressada sem motivos óbvios: não tinha mudado nada em minha rotina, apenas a minha preocupação em ter de fazer um trabalho que eu não queria. Naquele momento a raiva tomou conta de mim, eu não queria mais ficar no curso, achava tudo muito insignificante, achava os atos obrigatórios aos sábados hipócritas, porque os diretores podiam usar sua criatividade do jeito que bem entendessem e nada era criticado, eu assistia a tudo e pensava “mas na monografia tem de ter prática”; no ato muitas vezes parecia não ter regra, mas para monografia, mesmo em psicodrama, tinha! Eu não via outra saída a não ser pegar o caso de algum paciente, apenas uma sessão, para acabar logo com essa tortura. Eu queria muito era pegar meu diploma e ir embora.

Meu marido, meus colegas de turma e alguns professores tentaram me ajudar com ideias, boas ideias por sinal, mas eu estava no luto, na raiva, não conseguia ver uma luz no “fim da monografia”... Foi então que na “Supervisão III” do último módulo do curso eu encontrei um caminho que parecia ser possível: o trabalho com grupos.

Vou contar um pouco da minha história pessoal/profissional, porque ela me fez ser quem sou hoje, a diretora que me tornei e o que me fez ser uma apaixonada por pessoas e pelo que faço, marcas de minha trajetória.

Em função da disciplina de metodologia, comecei a refletir sobre o que me levou a querer trabalhar com pessoas que tenham tido experiências de guerra e que tiveram de deixar suas raízes culturais para se adaptar a uma nova realidade e foi então que me deparei com a minha própria história e a escolha em fazer psicologia.

Eu sou a filha caçula de quatro irmãos. Os outros três são homens e desde cedo, então, tive de aprender a me virar sozinha com a minha feminilidade. O espelho de minha mãe, avó e tias maternas foram fundamentais para o meu desenvolvimento, apesar de ser um feminino “duro”, a meu ver. A atitude da minha avó de me ajudar e de ajudar a outras pessoas sem esperar nada em troca, me faz pensar que foi isso que me levou, de alguma forma, a querer cuidar das pessoas. Essa herança ficou tão marcada

em mim que se transformou num modelo significativo. Vivi sempre protegida pelos meus irmãos, diria até um pouco sufocada, mas não tive escolha, porque era vista sempre como sendo muito pequena e frágil.

Na minha adolescência o meu segundo irmão mais velho me protegia dos perigos das ruas, me acompanhava nas festas, baladas e eventos noturnos, mas na primavera de 1996, nos meus quatorze anos, ele foi assassinado. Essa experiência traumática marcou muito minha vida, porque tão jovem me deparei com um tipo de guerra que, até aquele momento, não fazia parte da minha consciência: a guerra do narcotráfico. Um luto que acompanhou minha vida, exatos quatorze anos, como se tudo que eu estivesse vivido até sua morte fosse de alguma forma anulado, voltei atrás, tive de recomeçar a vida novamente. Fase difícil, toda vez que falo sobre isso me emociono. Ainda bem que nossa vida não é feita somente de momentos difíceis.

Desde criança, como única menina entre os filhos, observava muito os papéis femininos, como disse anteriormente, e logo me deparei com a trajetória trilhada pelas mulheres.

Eu tenho duas tias do lado materno e uma delas (a do meio) e minha mãe, que é a mais velha, trabalharam em hospital geral durante minha infância. Minha mãe trabalhou na área de remoção de pacientes, na administração/logística. Quando era possível eu “passava o plantão” com minha mãe nesse hospital municipal da zona leste de São Paulo. Ainda me lembro das cenas fortes e marcantes das emergências atendidas no hospital.

Por um período ela trabalhou no resgate, 192. Em um sábado ensolarado ela me levou para conhecer o lugar em que ela trabalhava e eu, que sempre adorei falar ao telefone, pedi a ela para atender uma ligação. Foi então que me preparei: sentada na posição dos atendentes me senti responsável para salvar a vida de alguém. Para minha sorte, a ligação que atendi era um trote: uma pessoa ligou para pedir o número do telefone da rádio Transcontinental FM. Eu sabia o número e passei. Ao desligar respirei fundo, meu coração estava disparado, então não quis mais atender, porque fiquei com medo de ser de fato uma emergência. Estava eu novamente me deparando com situações de risco de morte, mas rapidamente me esquivei.

Ouvi as pessoas fazendo o atendimento durante aquele dia, era um trabalho muito sério e responsável. Foi muito importante ter vivenciado aquela experiência, porque acho que ela influenciou para que eu escolhesse não trabalhar em hospitais. Ainda hoje acho que eu não tenho condições para tal. Então segui minha vida, buscando um espelho profissional. Como disse, uma das minhas tias trabalhava – e trabalha ainda – em hospital geral, é enfermeira, e a outra, a caçula como eu e que é minha madrinha, trabalhou desde muito cedo com informática, formando-se em Análise de Sistemas.

Eu fui fazer curso de informática durante a pré-adolescência no mesmo local em que ela trabalhava. Ali achei que tinha encontrado minha vocação. Meu sonho era me formar em Processamento de Dados. Terminei os cursos e comecei a procurar emprego. Tentei fazer colegial técnico em Processamento de Dados, mas não consegui passar na prova. Fiz o colegial normal, e logo no primeiro ano, uma amiga de infância me convidou para trabalhar numa assistência técnica de eletroeletrônicos e lá fiz minha “formação” de atendimento ao cliente. Até hoje sonho que às vezes estou atendendo os clientes de lá.

Comecei então a fazer uma trajetória completamente diferente das emergências dos hospitais. Desde muito cedo minha avó me matriculava em cursos que pudessem me ajudar a me tornar uma boa profissional. Sempre gostei de aprender. Num belo dia resolvi entrar em contato com o dono da escola de informática onde eu havia estudado. Queria dar continuidade aos estudos de informática e realizar meu sonho de cursar a faculdade de Processamento de Dados.

O dono me recebeu para trabalhar voluntariamente por um tempo, cadastrando as empresas gráficas que anunciavam nas páginas amarelas, com o objetivo de postar malas-direta. Foi um trabalho árduo, porque permaneci por mais ou menos três meses digitando oito horas por dia e com isso ganhei uma tendinite nos dois braços (que me atormenta até hoje), um emprego de auxiliar administrativa, e o melhor de tudo, meu futuro marido, que na época trabalhava como vendedor dos cursos de informática.

Meu período nessa escola não foi longo, aproximadamente um ano. Logo que entrei fiquei amiga do meu marido, que já cursava psicologia e ele me indicou um livro

com o título: *Por que fazer terapia?* Foi aí que comecei a me apaixonar pela psicologia. Após ler o livro em uma semana, pedi indicação de uma psicóloga e ele me encaminhou para uma das professoras dele. Comecei meu processo, e me apaixonei pela psicologia, pela psicóloga e pelo meu marido.

Meu futuro marido, então estudante de Psicologia, aplicou em mim um teste vocacional, como tarefa de uma das disciplinas do curso e o resultado foi que a professora dele nunca tinha visto um teste com resultado 100% voltado para área humana = psicologia. Fiquei muito feliz com o resultado, não tinha mais dúvida do caminho a seguir.

Mas meu chefe percebeu meu interesse e me chamou para uma conversa que durou duas horas, e nela me disse que se eu quisesse estudar psicologia ele não teria mais interesse em “investir” em mim! Saí da sala desesperada e muito triste: sem trabalho eu não teria condições financeiras de estudar. Foi aí que entrei em contato novamente com a minha amiga da assistência técnica, perguntando se ainda precisavam dos meus serviços. Para a minha alegria fui readmitida. Eu me lembro como se fosse hoje: no dia 07 de fevereiro de 2000, comecei a trabalhar novamente na assistência técnica e iniciei o curso de psicologia. Esse foi um dos dias mais felizes da minha vida. Entrei na sala de aula com o pé direito, porque sabia que ali começava uma grande trajetória.

No primeiro ano eu consegui pagar a mensalidade da faculdade com meu salário complementado com o dinheiro de uma poupança que minhas tias tinham feito durante minha infância. Os livros e as xerox, minha avó me ajudava a pagar. Eu sempre fui muito comprometida com os estudos, mas na faculdade isso ficou mais intenso, afinal não era fácil pagá-la, tinha de aproveitar tudo o que fosse possível.

Logo no primeiro ano fui fazer uma visita ao hospital da Polícia Militar, com uma colega de curso. Lá encontramos uma psicóloga muito simpática que aceitou responder nosso questionário (era parte de um trabalho acadêmico). Ela nos convidou para assistir a algumas cirurgias, era uma forma de ela nos mostrar o seu trabalho na prática. Animada, aceitei, mas antes de entrar na sala de cirurgia ela disse que não poderíamos passar mal, e, caso percebêssemos algo estranho, era para avisá-la

imediatamente. Fiquei apavorada, porque sabia do meu medo de morte, mas estava ali na minha frente a oportunidade de ter certeza se iria ou não trabalhar em hospital algum dia, mesmo que fosse na área da psicologia. Entrei, assisti a cirurgia, ajudei a entregar os instrumentos e joguei soro dentro de um abdômen para lavar. Assisti também a uma cirurgia ortopédica, na sala ao lado, de uma hérnia de disco, que impressionava pelos instrumentos, barulhos e posição do paciente. Num determinado momento a psicóloga me tirou da sala, porque ela observou que eu estava ficando pálida. Foi minha salvação para não dar vexame. E ali eu tive novamente a certeza de que eu não tinha vocação para trabalhar em hospital, apesar de gostar do ambiente.

No segundo ano do curso, minha poupança acabou e então fui conversar com meu chefe e ele me disse, para meu alívio, que poderia pagar o boleto da faculdade. Esse era meu salário, todo dia cinco de cada mês, entregava meu boleto para ele! Continuei o curso.

Uma amiga da faculdade fazia atendimento voluntário no Centro de Valorização da Vida (CVV) e eu, teimosa, fui conhecer o trabalho. Queria, aos dezenove anos, atender, porque era um trabalho, na época, de escuta e acolhimento via telefone ou presencial. Fiquei algumas horas com ela numa sede e me deparei com os riscos de pacientes psiquiátricos e com pessoas que cometem suicídio durante a ligação. Achei que eu era muito jovem para lidar com situações tão difíceis.

No final do segundo ano consegui um trabalho em Santo André, na mesma empresa em que meu marido trabalhava como gerente de vendas (naquela época estávamos namorando). O salário era maior, eu podia pagar a faculdade e ainda sobrava algum dinheiro, pouco, mas sobrava. Meu antigo chefe, o da assistência técnica, não podia mais aumentar meu salário, por isso tive de sair de lá.

Quando estava no terceiro ano consegui um estágio num grande hospital geral, mas na área de Recursos Humanos (RH), mais especificamente, na área de Recrutamento e Seleção. Não era para ser psicóloga hospitalar, mas era no hospital. Lá aprendi muito, foi um trabalho que abriu meus horizontes, pois me dei conta que cursar ensino superior numa instituição que não tinha nome no mercado, não valia nada. Cheguei a jogar muitos currículos no lixo por conta disso. Preocupei-me, pois sabia que

eu mesma estava em condições parecidas e precisaria compensar os prejuízos, futuramente.

Depois estagiei numa empresa de televisão, também na área de Recrutamento e Seleção. Minha supervisora era ótima, me mostrou que é possível trabalhar no RH com humanidade. Fiquei encantada.

No quarto ano surgiram duas grandes oportunidades para estagiar com atendimento clínico: uma numa clínica de psicologia e outra na Delegacia de Defesa da Mulher. Fui selecionada nas duas. Após uma conversa com meu marido eu aceitei os trabalhos, porque era minha grande chance de estagiar na área clínica e ganhar experiência, mas não dinheiro como no RH, mas era essa a área que queria seguir.

No quinto e último ano segui com esses estágios e quando me formei, saí da Delegacia da Mulher, continuei na clínica que estagiara anteriormente por algum tempo e comecei a atender no meu consultório, onde atuo até hoje.

Foi após o início da prática dos atendimentos clínicos que fui procurar suprir a defasagem de conteúdo do meu curso de graduação. Fui buscar formação para Terapia de Casais, e foi nesse curso que me encontrei com o Psicodrama. Comecei a utilizar o método nos meus atendimentos individuais e de casais e notei, na prática, a diferença.

Logo em seguida fui fazer psicopedagogia, porque atendo crianças e estava sentindo falta de me aprofundar nas questões que envolviam o desenvolvimento infantil e aprendizagem. Já conhecia a dinâmica do casal e da família, mas faltava entender o fruto dessa relação, os filhos. Nesse curso, tomei conhecimento de uma autora argentina, Alicia Fernández, que trabalha com psicopedagogia e psicodrama, o que me fez ter vontade de aprofundar meu conhecimento da teoria moreniana, e foi então que busquei o curso na SOPSP/PUC.

Sei que tenho muito a aprender ainda, mas tudo o que senti falta na minha formação, fui em busca de informações para me aperfeiçoar. Desde a minha formação atuei no consultório, é desse trabalho que vem meu sustento, sou muito orgulhosa de ter chegado até aqui. Sou também muito, muito, muito grata, a todos que me apoiaram e me ajudaram direta ou diretamente a realizar esse sonho. E hoje, lendo este trabalho,

vejo que eu não consegui fazer diferente dos meus modelos, acabei trabalhando na área da saúde, mas da saúde psíquica.

Estou casada há 13 anos com o colega de trabalho que conheci na escola de informática. Ele é de origem palestina e foi por conta dessa relação que, aos poucos, fiz uma imersão na cultura árabe. No início fui buscar informações sozinha, porque ele estava completamente desconectado de tudo. Então, mulher e brasileira que sou, fui conhecer os costumes à minha moda. Aprendi dança do ventre, depois aprendi a fazer comida árabe e estudei por alguns anos a língua árabe. Adorava “o clube da Luluzinha” já que não tive muita opção de viver isso na minha família. Percebo agora que com minha trajetória e com a experiência vivida nessa viagem ao Líbano, fui me preparando de alguma forma, e sem o saber, para dirigir um grupo de mulheres, pois esse universo reserva um jeito muito próprio de funcionamento. Assim como Moreno, remissivamente, se referiu à sua obra com suas experiências com crianças no jardim de Viena, como que precedendo a criação do psicodrama, minha experiência individual com aquelas mulheres também precedeu esse trabalho de monografia.

Foi então, mergulhada nesse universo feminino em que as mulheres se reúnem para preparar o alimento para a família; em que a aula de dança do ventre é frequentada por uma aluna islâmica, e por isso é preciso tomar cuidado com as fotos e filmagens feitas nas aulas e as janelas precisam permanecer distantes, pois ela está apenas entre mulheres, portanto, sem o véu que cobre seus cabelos; e também nas conversas por mim vivenciadas, regadas de muito sofrimento, esperança, amizade e amor à pátria, que se mostraram nitidamente visíveis os conceitos sociométricos criados por Moreno, como mais tarde pude identificar. Vi dramatização e muita espontaneidade envolvidas, mas não de forma técnica e enrijecida como nos é ensinado no ambiente acadêmico: entre aquelas mulheres ela acontece a todo o momento, de forma espontânea, e cada fala carregada de emoção. Eu me pergunto se Moreno estaria preso às regras acadêmicas, mesmo se estivesse num contexto social em que os cidadãos escolhem o protesto como forma para se manifestar, como iniciou a primavera árabe em 2010 e cujo formato chegou, de alguma maneira, aqui no Brasil em 2013.

Na teoria dos papéis, todo papel é uma fusão de elementos privados e coletivos. Fazer a representação de um papel estabelecido, de modo a não ter nenhuma variação, é denominado *role taking* (MORENO, 2008). Foi exatamente assim que me senti quando não pude executar minha monografia da forma que gostaria. Eu tomei o papel e reproduzi tudo o que foi solicitado, porém incluí um capítulo com fragmentos do meu diário, que mostram uma imensidão de possibilidades teóricas de uma obra tão rica e completa como a que Moreno nos deixou, vividas no cotidiano de maneira tão natural.

Esse era o motivo da minha tristeza, estava claro para mim que eu estava sendo tolhida por excesso de rigidez acadêmica, pelo fundamentalismo da técnica e do pressuposto de que prática é apenas um ato, um encontro, onde se deve usar os conceitos de forma instituída. Porém, nos contextos descritos acima e em tudo que narrei em meu diário de viagem, a prática acontecia o tempo todo, a prática estava lá vívida e vivida, na rotina diária, na alma, na espontaneidade e no melhor jeito moreniano. Mas como fui tolhida pelo processo acadêmico, parti em busca de uma prática tradicional, uma conserva cultural para atender às exigências fundamentais, e foi então que me deparei com o grupo que, em seguida, descrevo na Introdução. Descobri, com muita clareza, que qualquer grupo desenvolve uma maneira vívida dos conceitos do psicodrama criados por Moreno, particularmente a sociometria. É como aprender uma teoria a partir da vivência de uma prática. É sempre possível desenvolver essa visão e ampliá-la além das conservas culturais que nos são impostas. À medida que me encorajei a me lançar na aventura de tentar decifrar os códigos subjacentes a uma vida em grupo, fiquei com a pergunta: “Fui tolhida ou me deixei tolher?” É o que tento responder nas páginas desta monografia. Este é o desafio.

2. INTRODUÇÃO

Para cumprir uma das exigências do curso de formação em psicodrama, eu procurava grupos para trabalhar e foi aí que me deparei com um grupo de gestantes, ao menos parecia ser, em uma instituição sem fins lucrativos que tinha como objetivo oferecer assistência às gestantes, de forma global: apoio espiritual, nutricional, social, psicológico e o que mais a mãe necessitasse: víveres, fraldas ou enxovais. Eu me reunia, toda sexta-feira à tarde, com os idealizadores do projeto para discutir o planejamento, mas faltava uma peça importante na reunião: as gestantes. Não estava havendo adesão por parte delas. Como o tempo estava passando e o quadro não se alterava, resolvi sair do grupo porque não havia perspectiva de início naquele semestre.

A mesma amiga que me chamou para participar desse grupo, me convidou para conhecer um grupo de mulheres que tem em comum a perda do(s) filho(s). Eu, muito feliz, fui me apresentar e falar de psicodrama. Fui numa quinta-feira, dia em que elas se reúnem para fazer tricô – elas montam enxovais para gestantes. Interessante como fui parar justamente num grupo que tem relação com as grávidas. Elas amorosamente disseram que eu teria de ir num dia de reunião para ver se o trabalho que eu queria desenvolver tinha relação com elas.

Há 17 anos três mulheres que perderam os filhos num acidente iniciaram um grupo de ajuda para pessoas em luto, com embasamento espírita. A cada semana vai um profissional diferente para abordar o tema numa palestra para os participantes. Desse grupo inicial surgiu o que se reúne toda quinta-feira, há aproximadamente onze anos, para fazer os enxovais para as mães carentes da Vila Nova Conceição. Amigas de mães que perderam o(a) filho(a) também fazem parte do grupo.. Elas são muito comprometidas com o trabalho, pagam o aluguel do local, encontram-se sistematicamente toda semana e não param de produzir. Enquanto isso elas colocam a conversa em dia, afinal esse grupo só é frequentado por mulheres.

Este trabalho contará algumas histórias dessas mulheres que têm dentro de si uma dor incurável, a perda dos filhos, mas que, mesmo assim, levam uma vida normal, com tanto obstáculos a serem vencidos. Contarei histórias de relacionamentos e

principalmente de amizade entre elas, o que me parece ser o motivador de todo esse trabalho dedicado a mães que estão prestes a receber seus filhos. Também contarei a história do grupo em que a psicodramatista chega por último.

É com muito prazer que faço parte de um grupo de mulheres guerreiras e com afeto transbordante.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A maior parte do conteúdo deste capítulo foi pesquisada no livro *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama* de J. L. Moreno, primeira edição em português em 1974 (bibliografia completa ao final deste trabalho).

Uma soma de experiências vividas por Moreno foi germinando até desembocar na psicoterapia de grupo. Moreno começou a estudar e pensar a terapia de grupo nos jardins de Viena quando trabalhou com crianças entre 1910 e 1914, utilizando improviso e representações. Entre 1913 e 1914 formou grupos de discussão com prostitutas de *Spittelberg*, dando continuidade às suas experiências. Trabalhou no campo de *Mittendorf*, observando e estudando os refugiados.

Ele queria criar um método que abrangesse de forma terapêutica o indivíduo e o grupo concomitantemente, mas encontrou resistência devido à grande influência da Psicanálise entre 1914 e 1932.

A primeira forma de superação do problema foi quando desenvolveu a sociometria, que lhe permitia ter uma visão da estruturação do grupo terapêutico, para assim compreender e escolher corretamente os pacientes-membros do grupo. Na época, essa constituição de grupos gerou uma forma de diagnosticar grupos normais e grupos patológicos, bem como a unicidade de cada grupo, permitindo que as estruturas do grupo pudessem ser compreendidas de forma científica. Moreno utilizou o termo "terapia de grupo" pela primeira vez na literatura, porém não explicou o que ele próprio chamou de grupo normal e grupo patológico, mas afirmava que cada grupo tem uma estrutura que se apresenta já na primeira sessão, e que irá se desenvolver nas sessões seguintes. Moreno formula essas ideias como se partisse do princípio de que havia um consenso sobre o que é normal ou sobre o que é patológico, o que é perfeitamente aceitável se levarmos em conta que se tratava de suas primeiras formulações sobre a vida de grupo.

O tratamento de grupos consiste de sessões terapêuticas com três ou mais pessoas, podendo ser caracterizados como grupos naturais, *in situ*, ou sintéticos,

formados nas clínicas ou instituições. Destaca-se aqui a importância da passagem do divã para espaços alternativos.

Na psicoterapia de grupo, diferentemente da psicoterapia individual, há o princípio da interação terapêutica, no qual os próprios participantes podem assumir o papel de terapeuta, isto é, os participantes do grupo possuem independência, podendo exercer a função de terapeutas auxiliares, podendo esta se estender ao diretor, em alguns casos. Não menos importante do que o princípio terapêutico está o princípio da espontaneidade, que consiste na produção livre e espontânea do grupo, em que os participantes podem agir sem entraves. Os limites podem ser estabelecidos para um ou outro membro do grupo, mas isso é decidido e analisado entre todos; essa decisão não é apenas do terapeuta. O diretor do grupo também faz parte do grupo, é um membro, é diferenciado no sentido em que ele tem conhecimento, mas ele pode compartilhar, porque ele também é tocado pelo drama privado do protagonista. Estes aspectos são bem diferentes do tratamento pela psicanálise, e não vai aqui nenhuma crítica, mas apenas uma diferenciação, uma vez que o tratamento psicanalítico, principalmente naquela época, estava apenas em poder do médico.

Moreno chama de grupos normais aqueles que são formados por pessoas que interagem, têm interesses em comum e diferença de *status*; já nos grupos terapêuticos os membros necessitam de maior liberdade e espontaneidade, o foco é ser terapêutico, sendo indispensável a igualdade de *status*.

Um dos aspectos muito discutido entre nós, psicodramatistas em formação, é a diferenciação do grupo psicoterápico do grupo terapêutico.

Para Moreno “*a psicoterapia de grupo é um método que trata, conscientemente, as relações interpessoais e os problemas psíquicos de vários indivíduos de um grupo dentro de um quadro científico empírico.* (MORENO, 1974, p.77)” Para ele há diferença entre terapia de grupo e psicoterapia de grupo, sendo que a primeira tem os efeitos terapêuticos secundários, como subproduto das atividades primárias; não há o consentimento explícito dos membros do grupo para serem tratados, bem como não existe um plano científico. Desta forma, pode ocorrer em qualquer atividade grupal e em qualquer local como igrejas, escolas, empresas ou qualquer ambiente social. A segunda

tem como objetivo a saúde do grupo e de seus membros, esse objetivo é atingido através de métodos científicos, como a análise, diagnóstico e prognóstico.

Para Nery e Conceição (2012) o grupo psicoterapêutico tem o objetivo de trabalhar o conteúdo das histórias de vida dos membros do grupo tentando articulá-las com as histórias de todos os presentes, podendo ter duração indeterminada. O grupo terapêutico tem como objetivo trabalhar as questões em comum que causam sofrimento no cotidiano dos membros do grupo. São os grupos terapêuticos reconhecidos como sendo homogêneos ou tematizados, que têm geralmente prazo definido de duração. (BUSTOS, 1982 *in* NERY; CONCEIÇÃO, 2012).

Os grupos de psicoterapia de grupo psicodramáticos convencionais têm como foco trabalhar o drama coletivo por meio do drama individual, impulsionando sempre para a espontaneidade e criatividade de cada um, onde seus sofrimentos serão abordados de forma respeitosa e irrestritamente todos compartilharão suas histórias e cenas descolonizando o imaginário. (NAFFAH NETO, 1979 *in* NERY; CONCEIÇÃO, 2012).

Para Moreno psicoterapia de grupo é um processo de cura que não é determinado apenas por um terapeuta talentoso, mas pelas forças do grupo. O tratamento ocorre não com o indivíduo isolado, mas com ele em suas relações *in situ*, ou seja, no contexto natural em que se encontra: na família, na comunidade, no trabalho ou em clínicas, como membro de um grupo sintético. Entretanto, há exceções em que pode ocorrer uma combinação de tratamento em grupo e individual.

Moreno trabalhou com o teatro da improvisação o que lhe permitiu verificar que a representação e a vivência ativa e estruturada de situações conflituosas pode ter cunho terapêutico.

Um evento importante e organizador do processo de construção teórica da Terapia em Grupo foi o Congresso de Terapeutas de Grupo realizado na Filadélfia em 1932, que foi o propulsor da propagação da psicoterapia de grupo e permitiu a fundação do Comitê Internacional de Psicoterapia de Grupo no ano de 1950.

Os estudos de Moreno sobre psicoterapia de grupo levou ao desenvolvimento do que ele chamou de socionomia que é a ciência das leis sociais e estrutura-se em três divisões:

- *Sociodinâmica* que estuda a estrutura e dinâmica dos grupos sociais, isto é, a maneira como os indivíduos são organizados, em função dos papéis desempenhados no grupo. (MALAQUIAS *in* NERY; CONCEIÇÃO, 2012).
- *Sociometria* que estuda a característica de um determinado grupo, bem como os relacionamentos, através de métodos como o teste sociométrico, que é uma ferramenta que permite compreender quais são os critérios de escolha entre os membros do grupo, possibilitando investigar a posição socioafetiva do indivíduo em determinado grupo. (MALAQUIAS *in* NERY; CONCEIÇÃO, 2012).
- *Sociatria* que é o tratamento dos sistemas sociais através de psicoterapia de grupo, psicodrama e sociodrama.

O teste sociométrico é um método de pesquisa utilizado para caracterizar a qualidade de relações entre os membros de um grupo, quais são seus movimentos e incongruências, ficando evidente a forma de sua organização, o que possibilita investigar as estruturas sociais a partir da leitura das atrações e rejeições existentes entre os membros do grupo. Esse método foi desenvolvido por Moreno como forma de dar cunho científico aos estudos que vinha fazendo, juntando estudo qualitativo dos grupos com foco quantitativo. Através de fórmulas são calculadas as probabilidades das escolhas e esse processo, quando computado, gera um gráfico ou desenho chamado de sociograma.

Ocorre entre os membros de um grupo uma forma de ligação específica e única que Moreno chamou de tele. A coesão do grupo é uma função da estrutura tele. Porém, Perazzo (2010) considera que Moreno abordou o tema ao longo de 36 anos e que este conceito evoluiu de uma noção individual para uma noção grupal, onde Moreno ora contrapõe ora complementa algo já dito anteriormente.

O teste perceptual é uma forma de teste sociométrico que se utiliza da percepção ou intuição do indivíduo para avaliar qual é a sua certeza sobre os

sentimentos de pessoas imediatamente próximas a si. Quanto mais distante for o sociograma do teste perceptivo para teste objetivo, mais é possível que a percepção do seu ambiente social seja deformada ou insuficiente.

Após estudar a sociometria em grupos, Moreno tentou inseri-la na terapia de grupo. Uma das primeiras experiências foi com um grupo em que cada indivíduo deitava-se em seu divã e falava livremente o que viesse a mente naquele momento. A experiência foi um fracasso, as pessoas falavam simultaneamente gerando uma confusão generalizada, não havendo conexão entre as associações.

Em seguida Moreno tentou estudar os grupos no local natural de sua formação, como por exemplo a família em sua própria casa, ou seja, fora do consultório.

Para Moreno a composição ideal de um grupo é que ele seja misto, que abranja os dois sexos, velhos e jovens, minorias étnicas, ou seja, uma miniatura da sociedade em que os membros do grupo vivem.

Ele ressalta que o terapeuta é também um membro do grupo, por isso pode ocorrer que seus problemas pessoais sejam objeto de discussão e, desta forma, por desempenhar dois papéis no grupo, o diretor se torna o membro mais vulnerável. O que podemos entender sobre isso é que o terapeuta pode, sim, ser tocado pelos conteúdos discutidos no grupo, mas suas questões não devem ser objeto de discussão, embora elas possam ser manifestadas na etapa de compartilhamento dos atos psicodramáticos (e somente aí). Fica a pergunta: Moreno, quando dirigia um grupo, submetia suas questões pessoais para discussão? Os registros que temos, tanto os protocolos como os filmes, não nos mostram isso e atualmente também não acontece.

O autor destaca três pontos de vista essenciais na terapia de grupo: Sujeito, Agente e Veículo:

- a) *O sujeito - são os participantes individuais do grupo ou o grupo como um todo.*
- b) *O agente - as forças atuantes que estão na base da terapia como, por exemplo, criatividade, espontaneidade, tele, figuras autoritárias, etc.*
- c) *O veículo - são os meios através dos quais o agente influencia o sujeito da terapia, por exemplo, exposição, discussão, dança, música, drama, filme. (MORENO, 1974, p. 87).*

Enquanto em psicoterapia de grupo o ideal é a reunião de membros heterogêneos, formando como que uma miniatura da sociedade, em psicodrama pode-se trazer o mundo todo para a situação terapêutica, através da criação de vivências interiores e exteriores, ou seja, representando em uma microrrealidade dentro do grupo as situações e problemas vividos na sociedade.

Drama é uma palavra grega que significa ação, ou seja, algo que acontece. Ao desenvolver o psicodrama, Moreno destaca que este é o “*método que penetra a verdade da alma através da ação*”. (MORENO, 1974, p. 106). Portanto, a ação, ou seja, o drama, foi incorporado por Moreno à psicoterapia de grupo como seu método principal.

São cinco os instrumentos utilizados por Moreno no psicodrama: o cenário, o protagonista, o diretor terapêutico, os egos-auxiliares e o público.

- O *cenário* é o palco, o lugar da ação dramática. O espaço do cenário é uma ampliação da vida para além da vida real. Perazzo (2010) faz uma importante contribuição quando descreve o cuidado que temos de ter com a montagem do cenário, seja ele com almofadas ou adereços, não deixando que esses elementos roubem a cena do protagonista ou ocupem demais o espaço físico a ponto de dificultar o deslocamento do protagonista ou do(s) ego(s)-auxiliar(es). Para o autor, a simples descrição verbal do cenário no presente, por exemplo, é suficiente para aquecer o protagonista para a cena.
- O *protagonista* em psicodrama não é um ator de teatro, mas sim aquele que representa a si mesmo e ao grupo no cenário; ele esboça o seu próprio mundo.
- O *diretor* em psicodrama tem três funções: diretor de cena ou de jogo, terapeuta e analista.
- O *ego-auxiliar* ajuda o diretor na compreensão e no tratamento, entretanto este desempenha papel importante para o paciente, pois representa figuras significativas (reais ou simbólicas) de sua vida.

- O *público* pode auxiliar o paciente funcionando como uma caixa de ressonância da opinião pública, bem como pode ser ele próprio o paciente, uma vez que com o auxílio do protagonista, modifica-se a situação, pois ele vê a si mesmo representado no palco em um de suas “síndromes coletivas”.

Moreno fala pouco sobre a relação entre as experiências e compreensões na vida adulta com o primeiro desenvolvimento da criança. Sua teoria é muito rica, mas o objetivo deste trabalho não é o de aprofundar todos os seus pensamentos e métodos, que, segundo um de seus colaboradores, foram mais 351, nas próprias palavras de Moreno, em 1959. (Seria uma das manifestações da megalomania normal a que todos nós temos direito, segundo ele?). Meu principal objetivo é possibilitar uma visão geral sobre a criação da socionomia e seus ramos, e demonstrar sua vivência prática no grupo de mulheres objeto deste estudo.

Experiências mais recentes em psicodrama se aproximam de grupos de mulheres. Elisete Leite Garcia deu o nome de tatadrama a uma experiência com um grupo de mulheres no nordeste brasileiro (GARCIA; MALUCELLI, 2010)

Foi num sábado ensolarado e com muito tempo disponível que comecei a ler o livro e de imediato me encantei com o método e com a história de Elisete. A cada parágrafo lido entendia mais e mais o motivo de o meu orientador ter pedido que eu incluísse esse tema no trabalho. Eu já havia ouvido falar sobre o tatadrama, havia lido na programação dos congressos de psicodrama (brasileiro e ibero-americano) que participei, mas não havia tido ainda a oportunidade de conhecer o método aplicado de forma vivencial. Neste trabalho, falarei pouco sobre o tema, porque ele não é o foco, mas indico a leitura desse belíssimo trabalho desenvolvido pela autora em oficinas vivenciais.

O tatadrama é um método em que um boneco de pano é utilizado como objeto intermediário para facilitar o contato de sentimentos e emoções, para facilitar a relação da comunicação com o mundo externo e interno. O boneco é representativo do ser, o que facilita a manifestação da subjetividade, bem como a maneira como se promove a

relação do indivíduo com a vida, nos aspectos sociais, culturais, profissionais e familiares.

Através de uma forma sutil, sem expor a individualidade, o manuseio do boneco de pano traz à consciência inquietações que podem ser representadas como atos de carinho, agressividade ou inércia, através de vivências que objetivam recordar sabores, odores, contatos, sons e aspectos visíveis que representam fatos e sensações. Durante o aquecimento para a realização da dramatização, os sentidos externos (audição, visão, olfato, tato e paladar) e internos (órgãos e tecidos do corpo) são acionados e funcionam como disparadores emocionais. (GARCIA; MALUCELLI, 2010).

No meu trabalho com o grupo de mulheres, o que mais me chamou a atenção, e que, num primeiro momento me fez questionar a viabilidade em unir psicodrama e tricô, foi justamente o tricô. No primeiro encontro, no momento do aquecimento inespecífico elas não se mostraram motivadas a parar de produzir o enxoval durante o ato. Só mais tarde fui descobrir que eu tinha isso a meu favor e a favor do grupo, um disparador que poderia ser acionado naturalmente e, ao mesmo tempo, intensamente: o tato. De acordo com Garcia e Malucelli (2010) ele é o maior órgão dos sentidos e é dependente do contato, e ele tem receptores para o calor, frio e pressão, o que pode estimular informações, conduzindo no cérebro a formação de associações entre imagens, sons e odores, despertando o pesquisador interno das emoções e sensações, tornando-se observador de si mesmo.

Para o encontro seguinte, seguindo sugestão do meu supervisor Luiz Russo, me preparei para utilizar o tricô para, a partir dele, das sensações, lembranças e emoções, extrair uma cena para ser trabalhada. Fiquei muito animada com essa perspectiva.

4. METODOLOGIA

Brito (2006) fala de sua experiência como orientadora de monografias em que ela acompanhou o sofrimento dos alunos que passam por esse processo ou que desistiram dele, justamente pela dificuldade em colocar no papel sua experiência como profissional. Mas durante o texto a autora tranquiliza o leitor, dizendo que existem saídas interessantes para colocar no papel nossa experiência quando se trata de uma pesquisa qualitativa.

A autora esclarece as diferenças entre uma pesquisa quantitativa e qualitativa: a primeira é um método experimental, o que muitas vezes faz com que adquira um *status* de verdade. Mais comumente, a posição da sociedade que recebe tal tipo de pesquisa e na qual essa pesquisa é construída, é uma posição passiva, porque apenas recebe os resultados prontos e a partir deles faz suas escolhas, com a certeza de estar no caminho certo, como se esse tipo de pesquisa os protegesse do “mal”. Então, tudo o que é mensurável é válido, a criatividade não é bem-vinda nesse tipo de pesquisa, isto é, tudo é explicado a partir de um resultado que foi medido. A segunda ganha espaço na sociedade científica a partir do movimento pós-moderno, considerando a subjetividade do indivíduo, do pesquisador e dos demais (representantes da sociedade). O conhecimento é gerado na prática diária da pesquisa, sem deixar de ser ciência. (BRITO, 2006).

A metodologia da pesquisa qualitativa é de base humanista, sendo seus pressupostos compreensíveis e interpretativos. A diferença se dá no valor explicativo dos resultados, que se refere ao valor filosófico do estudo, sendo que na pesquisa qualitativa a metodologia empregada não descarta a imparcialidade do pesquisador, pelo contrário a considera como parte integrante do trabalho, justamente por se entender que ele está inserido no processo de mudança, ou seja, o relacionamento entre pesquisador e pesquisado é aceito, privilegiando a subjetividade, singularidade sócio-histórica da experiência humana. Essa forma de pesquisa então nos mostra a importância dessa metodologia no trabalho em que o psicodrama é utilizado como método, por ser uma atividade dinâmica e instável, com várias facetas. (BRITO, 2006).

Graças ao atendimento clínico, podemos hoje considerar a singularidade do indivíduo dentro de uma pesquisa científica, sem ter de nos prender à mensuração dos resultados de forma fria e sistemática. A partir dessas experiências considerou-se o estudo de caso, por outro lado Moreno nos deixou uma ciência que nos explica que o **como** é determinante de **o quê**, através da leitura do psicodrama, que nada mais é do que uma metodologia de investigação da subjetividade, em que o importante é investigar e compreender as relações que o indivíduo mantém com as pessoas. (BRITO, 2006).

A teoria de Moreno envolve de certa forma ciência, religião e arte e tem como objetivo conhecer a dor humana de forma mais alegre, engajada e flexível, seja ela através do atendimento individual ou em grupos, considerando o ser humano espontâneo e criativo e sua interação dinâmica com o mundo, estimulando-o a se expressar da forma mais verdadeira e completa possível. (BRITO; MERENGUÉ, 2006).

A proposta de Moreno é de desvelar o que não está explícito, tanto para os que vivem a dramatização quanto para os que a assistem, pois o que é dramatizado de alguma forma tem relação com os demais. Na dramatização investigativa não fica escondida a subjetividade do pesquisador, ela está presente o tempo todo o que faz transformar ambos os lados (pesquisador e pesquisado). A diferença da dramatização investigativa para as dramatizações comuns, é que a investigativa tem um objetivo a ser pesquisado, um foco. A Socionomia que tem como instrumento a dramatização. O tratamento do grupo ou pessoas acontece como forma para tratar a sociedade (métodos sociátricos). Moreno nos mostra que é possível construir um projeto para a utilização da dramatização investigativa, através da pesquisa-ação. (MERENGUÉ, 2006).

Para Brito (2006) na pesquisa qualitativa em que o psicodrama é metodologia adotada, o pesquisador não está em nível superior de conhecimento, porque é na interação que acontece a pesquisa propriamente dita. O objeto de pesquisa com o psicodrama são as relações, na maioria das vezes explorando a imaginação do protagonista, e não a realidade – concretude dos vínculos. (BRITO, 2006).

Neste grupo específico, usei como método a pesquisa-ação, partindo do estudo de um grupo de mulheres correlacionando-o com outros grupos de mulheres descritos na literatura e com grupos de mulheres espontâneos, não terapêuticos, recolhido das páginas de um diário de viagem ao Líbano.

5. O ENCONTRO

Cheguei para o encontro quinze minutos antes do horário combinado. As mulheres estavam sentadas em roda, como de costume, fazendo tricô e crochê em um ritmo naturalmente acelerado. Sentei e fiquei observando as conversas, e checando como eu me sentia internamente, porque o papel de diretora estava pronto para ser vivenciado e foi nesse momento que me dei conta de como poderia desenvolver o trabalho se elas não quisessem parar de trabalhar. Os encontros às quintas-feiras são para a confecção de enxovais, portanto meu trabalho lá, nesse dia, era secundário. Diante dessa possibilidade senti que a maior dificuldade seria minha e não delas, porque eu nunca havia imaginado dramatizar com a plateia fazendo crochê. Essa situação foi no mínimo engraçada.

Pensei que para “resolver” isso eu deveria perguntar abertamente o que elas preferiam fazer e quase que em coro responderam: “o trabalho não pode parar!” Respirei sensivelmente de forma profunda e comecei a explicar meu trabalho. Elas deixaram muito claro que o espaço para cuidar do luto da morte dos filhos tinha dia e hora (terça-feira), quinta-feira é um dia mais leve, em que o trabalho é tricotar de forma literal e amplo sentido. Elas conversam muito nessas tardes que passam fazendo tricô. Propus que escolhêssemos um tema em conjunto para ser trabalhado naquele dia e pedi permissão para iniciarmos o aquecimento.

Um pouco receosas, eu inclusive, começamos.

O grupo permaneceu na posição que estava: sentado. Solicitei que falassem o nome e uma qualidade que iniciasse com a letra do nome. Houve murmúrios, porém aos poucos elas foram se encaixando na tarefa. Na segunda rodada, pedi que repetissem o nome (para que eu pudesse gravar) e falassem um defeito. Algo começou a surgir em comum: “dificuldade de dizer não” e automaticamente surgiu o tema protagônico. As mulheres que não citaram isso como um defeito no primeiro momento, disseram que seria interessante trabalhar esse tema porque, às vezes, também sentiam essa dificuldade.

Em poucos minutos tínhamos o tema. Eu, no papel de diretora, percebi que o grupo estava pronto para trabalhar, a confiança entre as integrantes era um facilitador. Foi aí que comecei o aquecimento específico, pedindo que elas pensassem em alguma cena que elas tinham vivido e na qual tivessem tido dificuldade de dizer não, e qual cena gostariam que tivesse um desfecho diferente.

Nesse momento, o grupo ficou em silêncio, mas o tricô não parava! Perguntei se alguém gostaria de falar sobre sua experiência e Marta¹ se dispôs. As colegas deram apoio para Marta contar sua história. Desse relato foi selecionada uma cena que foi montada no grupo.

Pedi para Marta dizer onde acontecia essa cena e quem estava presente. Ela disse que estavam o filho, a nora e a sogra do seu filho (Valéria). Marta começou a contar a cena, precisava desabafar e não parava de falar. Ela contou várias cenas em que Valéria tentou excluí-la dos acontecimentos familiares. Recentemente elas têm uma neta em comum e Valéria tenta se apossar dela não deixando Marta participar dos momentos importantes da vida dela, que também envolve momentos importantes com seu próprio filho. Diante de tantas cenas eu pedi que Marta escolhesse apenas uma e ela escolheu uma em que ela conversava com Valéria e dizia tudo o que estava engasgado. Pedi que ela escolhesse alguém do grupo para ser seu filho e sua nora. Rapidamente Marta escolheu e as colegas se mostraram muito interessadas em ajudar, mesmo sem saber o que ia acontecer direito. Na hora de escolher alguém para ficar no lugar de Valéria, Marta olha para o grupo e diz que não consegue colocar ninguém porque ela gosta de todas. Expliquei que era apenas para ocupar o lugar, que ela não precisava escolher por semelhança, mesmo assim Marta preferiu não escolher ninguém. Algumas pessoas se dispuseram a ocupar o lugar de Valéria, mas Marta não quis. Sem conhecimento teórico, Marta espontaneamente valida a técnica da cadeira vazia que, segundo Cukier (1992), é disputada entre psicodramatistas e *gestalt-terapeutas*. Fica presente na cena a cadeira vazia, que de vazia não tinha nada, pois ela se tornou uma cadeira cheia de ressentimentos a ponto de ninguém poder ocupar aquele lugar.

¹ Os nomes utilizados são fictícios.

Durante a cena Marta joga o papel e diz que não gosta do jeito que Valéria lida com a neta, conta tudo o que ela fez para atrapalhar sua vida, o quanto ela é invejosa, mas que ela, Marta, tem paciência e que um dia a neta vai poder escolher com qual avó vai querer conviver. Nesse momento interrompo a cena e peço que Marta entre no lugar de Valéria (cadeira vazia) e peço para que ela responda às acusações de Marta. Automaticamente ela começa a responder de um jeito cínico, como se nada que ela fizesse afetasse a vida de Marta, justificando suas tentativas enganosas de aproximação. Aqui faço um corte e peço para Marta escolher alguém para ficar no lugar dela. Ela escolhe uma das integrantes do grupo e eu peço para os outros personagens deixarem a cena acontecer livremente, retiro Marta de cena para que ela possa olhar de fora o que acontece e eu entro no lugar de Valéria, apesar de Marta demonstrar dó de mim. Explico a ela que eu entendo que ela gosta de mim mais do que da Valéria e que eu não me incomodo de entrar no papel dela. Chamei alguém para ficar com Marta, dando apoio a ela, já que eu ia sair do papel de diretora por alguns minutos e não queria deixá-la assistindo a cena desacompanhada.

Nesse momento me surpreendo de forma positiva com o grupo e comigo. Eu estava tão aquecida com todas as informações que Marta havia dado sobre Valéria que sentia ser a própria Valéria. Os personagens ganharam força e a cena começou a desenrolar facilmente. Valéria tentando excluir Marta, o filho de Marta apoiando a mãe, Valéria e a filha juntas, ressaltando uma grande dependência entre elas. A plateia ria e comentava que eu devia conhecer Valéria porque fazia igual a ela. Fiquei de costas para Marta (em cena) e me aproximei do filho dela e da nora, para representar que Valéria fica no meio da relação deles. As pessoas que estavam na cena conheciam as pessoas representadas, o que fazia parecer que se tratava de um teatro ensaiado. Todas sabiam que hora entrar e sair de cena. Quem ficou no papel de Marta ficou quieta, como de fato ela faz. Após algum tempo fui ao encontro de Marta fora da cena e perguntei o que ela via. Marta disse que era exatamente assim, ela fica quieta, Valéria engana todo mundo, menos o filho dela e eu mostro que Valéria está no meio das relações tirando o espaço dela. Pedi que ela mudasse o que quisesse e Marta tirou Valéria de cena e se aproximou de seu filho.

Como estávamos partindo para outra cena, limpei a cena pedindo para as pessoas saírem. Ficou Marta com seu filho. Pedi que ela sentisse a proximidade dele, eles se aproximaram fisicamente e Marta fechou os olhos. Após algum tempo pedi que ela falasse o que sentia e Marta disse que era muito bom estar mais próxima, mas que entende que a vida dele é muito corrida, que ele tenta poupá-la de tudo e confia que ele sabe se defender da sogra, mas diz que gostaria de sair com ele mais vezes. Pedi que ela mudasse de papel e respondesse e ela afirmou tudo. Marta voltou para seu lugar e uma integrante do grupo ficou no lugar dele e eu fiz um duplo do filho dizendo que a educação dela havia sido muito boa, que ela o ensinou a se proteger, mas que em função do trabalho dele, eles não tinham muito tempo para ficar sozinhos, e eles já estavam há tanto tempo distantes que ele não sabia mais como começar a se aproximar, que ele era resolvido em muitas áreas da sua vida, mas que nesse aspecto ele não sabia fazer diferente e que precisava da ajuda dela.

Marta ficou surpresa com o duplo e disse que nunca havia pensado assim. Nesse momento encerramos a cena e fomos para o compartilhamento.

Expliquei essa etapa, mas não adiantou muito, elas têm muita intimidade entre si, foi uma avalanche de dicas, interrompi algumas vezes, principalmente quando Marta se justificava, mas aos poucos, bem aos poucos, as pessoas começaram a falar de si. Algumas falaram que estavam preocupadas com Marta, que estavam notando que ela estava triste e que o afastamento da neta estava prejudicando sua vida. Outras ajudaram Marta a criar uma estratégia para deixar Valéria sem argumentos. Eu disse que aprendi com ela, que entre minha sogra e meu marido, preservar a relação com o meu marido é mais importante, basta agir com calma e paciência como ela faz. Falei porque realmente quis me colocar no grupo e porque essa era uma forma de exemplificar o compartilhamento. Uma das integrantes ficou surpresa com a minha fala, disse que estava satisfeita porque todo mundo aprendeu alguma coisa no dia hoje (inclusive eu).

Ao final pedi uma palavra sobre o encontro, para avaliar meu trabalho e para saber se eu havia sido aceita no grupo. Não me recordo de todas, mas me lembro de: surpreendente, muito bom, satisfeita, aprendizado, reflexão.

Nesse grupo a psicodramatista foi a última a chegar! O grupo estava pronto!

Fizemos o contrato dos encontros, duração, sigilo (apesar da intimidade entre elas), celulares e interrupções quando chega alguém. Isso porque, para minha surpresa, as pessoas chegavam aleatoriamente. Quando começamos o trabalho a maioria do grupo estava presente, mas durante a dramatização, chegaram umas três pessoas, cada uma num momento diferente. Uma delas estava afastada do grupo há mais de seis meses em função de uma cirurgia no braço. Quando ela entrou todo o grupo, inclusive Marta, ficou muito contente; estávamos na cena em que Marta assistia de fora. No meio da cena ela cumprimentou a todas, foi engraçado. Eu fiquei pensando que isso pudesse atrapalhar o aquecimento, mas logo as colegas disseram o que estava acontecendo e a cena voltou naturalmente. Fui eu que precisei me reaquecer, porque essas interrupções me pegaram de surpresa, eu não tinha ideia do que ia acontecer com elas e comigo. Recebi um carinho assim que inauguramos o compartilhamento. Carla, que fez o papel do filho de Marta, nos serviu água de coco. Esse é naturalmente, em todo sentido da palavra, um grupo de mulheres!

6. ANOTAÇÕES DE UM DIÁRIO

A seguir alguns trechos selecionados do diário da viagem que realizei ao Líbano no inverno (aqui no Brasil) de 2012. O objetivo é ilustrar o que eu nomeei de prática vívida moreniana.

[...] Eu perguntei como eles sobrevivem emocionalmente a uma guerra, e Hamud explicou que eles conversam, se juntam para falar dos problemas, que cada um dá seu conselho ou palpite e diz se passou por situação parecida... Não precisa de psicólogo aqui (risos), eles se resolvem entre eles.

Hamud contou que quando a guerra chegou ao 31º dia, o governo de Israel anunciou o final da guerra. A maioria das famílias começou a voltar para suas casas, inclusive sua mãe quis voltar para limpar a casa e deixá-la o mais confortável possível. Osama (pai de Hamud) brigou com ela dizendo para ela não ir: “Você vai confiar nos judeus?”, disse ele. “Já estamos nessa situação há tantos dias, podemos esperar mais”.

Horas depois do anúncio, Israel voltou a bombardear o bairro que eles moravam. A guerra durou mais dois dias: exatamente 33 dias! Hamud conta que perdeu vários amigos que voltaram pra suas casas quando o fim da guerra foi anunciado. Dá para acreditar nisso? Só ouvindo ao vivo e a cores. Ele conhece uma família em que o pai havia voltado com todos; no momento em que ele saiu para comprar pão, os israelenses jogaram uma bomba no prédio e não sobrou nada! O prédio inteiro veio abaixo. Apenas o pai, que não estava no prédio, se salvou. Ele perdeu toda sua família, a esposa e três ou quatro filhos. Não dá para acreditar em tamanha atrocidade. Hamud conta que foi nesses últimos dois dias que morreu a maioria das pessoas, porque voltaram para o bairro, enganadas!

(Cabe aqui apenas um suspiro).

Os árabes parecem ter uma capacidade imensa para viver em grupo, pois a experiência em função das guerras trouxe a eles o espírito de compartilhamento e ajuda ao próximo, como forma de sobrevivência da sanidade psíquica.

[...] Hoje o tema da conversa na mesquita foi sobre a “Sobhie” que é uma conversa diária, no café da manhã, em que todos falam sobre seus problemas e se ajudam entre si. O Shekh (que ocupa o cargo similar ao de um sacerdote) disse que é para tomar cuidado com o que se fala, e que não era para vir aqui passar as férias e falar o que quer e depois ir embora, porque depois as pessoas não sabem o que fazer com o que foi dito e depois é ele, Shekh, que tem de dar conta de resolver. Disse que ele é diferente do psicólogo, com quem a pessoa tem um processo, o encontra toda semana ou a cada quinze dias, e é

especialista nisso, mas que ele, Shekh, não é! Então é para continuar falando a verdade, mas é para ter tempo de cuidar dela.

Outro momento marcante da viagem foi quando assistimos a uma peça de teatro, que mostrava como as mulheres se ajudam através da dramaterapia. O convívio em grupo é muito valorizado, seja ele dentro ou fora de casa.

[...] Chegamos em cima da hora para a peça de teatro. Queríamos assistir porque era dramaterapia e se chamava: “Scherazade in Baabda” (nome da prisão). A peça tratava de mulheres presas e que fazem dramaterapia, como meio de diminuir a pena.

A peça foi impressionante, pois as mulheres contaram suas histórias, bem como os motivos que as levaram pra cadeia.

Os motivos eram vários: porque traíram o marido, porque usaram drogas, porque se perderam, de alguma forma, no caminho. Uma delas me chocou porque ela dizia que começou a cometer crime com oito anos de idade, quando roubou algo do irmão, depois, mais tarde, roubou uma bicicleta, depois roubou joias em casa. Os pais desesperados resolveram fazer logo o casamento, pois acreditavam que essa era a única saída para ela entrar na linha. Casaram ela com uma pessoa bem mais velha e eles tiveram filhos. O outro crime foi ter abusado de uma criança, mas ela não falou se foi um dos filhos. Ao final do depoimento ela disse: “eu não sei se eu tenho jeito, não sei o que faltou pra mim, eu nunca soube me comportar, não segui as regras; meu primeiro crime foi ter roubado, o segundo foi ter usado drogas, o terceiro foi ter abusado de uma criança e meu quarto crime foi ter feito tudo isso e não ter cuidado dos meus filhos”.

Nossa! Chorei, porque ela se responsabilizava o tempo todo pelos crimes cometidos, aliás, essa era uma característica em todas elas. Apesar de algumas terem sofrido violência doméstica, e por isso, terem traído seus maridos, em nenhum momento elas colocaram a culpa na vida, ou nas circunstâncias que viveram em casa. Isso tudo era levado em consideração, mais em nenhum momento elas deixavam de se responsabilizar pelos atos.

Achei isso brilhante, porque mesmo com todo sofrimento, elas diziam estar empenhadas em aprender com os erros e que o fato de estarem presas as fazia pensar que a prisão que viveram antes de ir para a cadeia não era “prisão”, como elas acharam: elas poderiam ter pedido separação, ou ter recorrido à família, mas foram fracas, como elas assim se nomeavam. Acharam que se distanciar da religião levaria à liberdade, e terminaram presas!

Terminou a peça com um depoimento de uma delas falando: “felizes são aquelas que encontraram a liberdade com limites”.

Deduzimos que ela estava falando das islâmicas.

Ao final foram aplaudidas de pé pela plateia e tivemos possibilidade de conversar com elas. E aí descobrimos que a dramaterapia é mesmo uma veia do psicodrama, e que aqui eles seguem a linha americana, na qual uma das possibilidades é trabalhar com dramaterapia. Elas trabalham suas questões através do teatro, mas o repertório é construído com sua própria vida. Quem se propõe e fazer esse tipo de mergulho, tem a pena reduzida. É como se fosse um tratamento psicólogo, só que o teatro é o meio.

Não tinha ouvido falar em dramaterapia durante minha formação. Um projeto que, penso, pode ser desenvolvido aqui no Brasil para diminuir os anos de detenção e, mais do que isso, ser, de fato, um tratamento e um instrumento de recuperação para a volta dos detentos à sociedade. O psicodrama é tão surpreendente, nunca imaginei encontrar algo tão sólido como forma de tratamento no Líbano! Eu não esperava encontrar algo artístico como forma de tratamento aceito pelo governo, já que eles funcionam muito bem em grupo e se utilizam do convívio social e religioso para “se tratar”.

Outro aspecto que gostaria de abordar é a diferença intercultural e o quanto isso pode prejudicar a saúde mental de um indivíduo:

[...] E assim, aos poucos, o Maher para de viver uma ilusão, porque ele constata nessa viagem que tudo o que ele viveu aqui foi real: as relações, o status social, a comida, os costumes, mas que hoje tudo é diferente, o país está diferente. Os costumes mudaram, as pessoas mais jovens são diferentes, mas isso não apaga tudo o que ele viveu, apenas é diferente hoje.

O problema é que no Brasil ele tem sempre que explicar! Sempre. Aqui não, todos sabem que o que ele está dizendo foi real, não precisa dar detalhes, pelo contrário, as pessoas complementam o que ele diz. Hoje o Líbano é muito diferente de 30 anos atrás.

Conversamos hoje, ele e eu, que terapia nenhuma daria conta disso, ele precisava mesmo vir para cá. Olhar com calma, se sentir completo e reconhecer o que o completa. A construção da identidade dele tem muito a ver com o período que ele viveu aqui. Que raiva de um monte de terapeuta ignorante! Ignorante no sentido cultural, quero dizer. Muitas atrapalharam o desenvolvimento dele com interpretações, sem considerar o contexto cultural em que ele foi criado.

Como ele viveu até os 14 anos no Líbano, sua forma de conviver socialmente está integrada àquela cultura. No Brasil nossa forma de nos relacionar é obviamente

diferente; achamos e falamos para os outros povos que somos acolhedores, mas na prática não somos somente isso. Estamos inseridos no modelo capitalista, portanto somos competitivos e individualistas, o que nos tem levado a conviver mais isoladamente ou, no máximo, com pequenos grupos. Deixamos de nos preocupar com o outro, mais que isso, deixamos de nos colocar à disposição para ajudar o próximo. Muitas vezes não conhecemos nosso vizinho, que mora no mesmo andar que nós.

Naquela viagem, meu marido se “encaixou” novamente com o seu povo, com seus costumes e valores, por isso psicoterapia nenhuma aliviou de forma satisfatória seu sofrimento, pois ele precisava visitar aquele lugar para resgatar sua identidade.

No âmbito religioso a convivência em grupo também é difundida:

[...] Esse Shekh reza cantando, por isso que o chamamento (reza que todos ouvem na rua) dele é especial. Ao final ele fez o sermão sobre o Ramadam, e explicou que ele é importante, porque é o momento de nos conectarmos com as pessoas que não podem comer, é um momento de reflexão e que um muçulmano não pode estar em paz se seu vizinho passa fome. Afirmou ter muitas pessoas passando fome no mundo árabe e que o jejum delas é forçado e não dura apenas um mês.

Através da religião, nas conversas com o *Shekh* nas mesquitas, os fiéis vão aprendendo como devem se comportar diante do sofrimento alheio.

Outro aspecto que gostaria de abordar é o nível da conversa entre mim e as mulheres, sejam elas jovens ou mais experientes. Há muita importância para a construção do núcleo familiar e uma certa pressa para que isso aconteça, aliado aos negócios, que é o que trará o sustento para a família. Moreno chama família de grupo legítimo, é o considerado grupo natural. E eu fiquei me perguntando se com a pressa que as coisas acontecem por lá, se podemos considerar grupo natural aqueles que são formados de maneira “forçada”. Claro que para eles não é essa a leitura, pois o que menos importa é isso. A seguir um pequeno fragmento em que a diferença cultural aparece.

[...] Ela me perguntou porque não temos filhos, e me aconselhou a tê-los logo para diminuir minha jornada de trabalho. Disse: “quando você estiver quase parando, eles (os filhos) estarão com toda saúde para cuidar de você!”. (Aia, que me disse isso, tem 15 anos).

Expliquei que ainda estou no auge da profissão e que por esse motivo não quero ter filhos nesse momento, pois penso em parar de trabalhar por um ano para me dedicar ao filho(a). E disse também que para ter filhos no Brasil, proporcionando boas condições, custa muito, neste caso nós dois precisamos trabalhar para pagar uma boa escola, convênio médico, etc. Ainda não sei se vou parar por um ano, mas para isso precisamos de um planejamento.

Ela disse: “Deus não manda filho sem amparo, se ele nos mandar um filho, com certeza a prosperidade virá junto”.

As mulheres são muito respeitadas no islamismo, diferentemente do que ouvimos aqui no ocidente, justamente porque a construção e a formação da família só é possível através delas. Uma família considerada bem sucedida e feliz é aquela dirigida pela mulher, que se dedica exclusivamente (na maioria dos casos) à educação dos filhos e conforto do marido que, por sua vez, tem a responsabilidade de não deixar faltar nada (de material) para eles.

[...] O Shekh lembrou a importância das mulheres, porque “o céu está debaixo dos pés delas”, disse que os homens devem respeitá-las, não subjugá-las, porque elas têm um papel fundamental que é o de cuidar e educar os filhos.

[...] O tema discutido foi sobre a mulher grávida que trabalha. O Shekh orienta que ela fique pelo menos 4 meses com a criança, sem trabalhar, e diz que se ela puder ficar mais é melhor. Mas se não for possível, que ela receba a ajuda da sogra em sua casa, para não tirar a criança de seu ambiente familiar. Ele ressaltou que a criança precisa se acostumar com os cheiros, com a rotina, e com o ritmo de sua família!

7. COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o nosso curso de formação em psicodrama, ficou evidente a dificuldade que todos os alunos do *setting* psicoterápico enfrentaram para a formação de um grupo de psicoterapia, por isso acho fundamental a reflexão sobre a formação de grupos.

Para mim não foi diferente, o que acabou aumentando meu desejo de formar um grupo no Líbano, já que lá as pessoas têm muito mais facilidade para estar em grupo, porque esta forma de se relacionar está naturalmente inserida na cultura árabe, haja vista que eles se reúnem todas as manhãs para conversar e discutir as dificuldades, o que acaba sendo terapêutico. Como já exposto anteriormente, isso não foi possível porque chegamos justamente no mês do *Ramadan*, o que dificultou os encontros. Foi então que resolvi escrever o diário e na convivência com as pessoas comecei a perceber o quanto elas estavam o tempo todo agindo de forma "dramática", o que foi aumentando cada vez mais o meu desejo de escrever. Cada dia que passava, novas vivências e novas experiências se acumulavam dentro de mim e foi assim que se manifestou natural e espontaneamente o desejo de transformar o meu diário em objeto da minha monografia.

Essas experiências, dentre outras que não estão relatadas aqui, me prepararam para chegar a um grupo de mulheres que fazem do trabalho voluntário uma entrega e doação ao próximo. Pensando nas mulheres que necessitam de cuidados básicos, como a roupa para vestir e proteger seus filhos que estão por nascer, o trabalho das voluntárias deve gerar, no mínimo, alívio para aquelas que são presenteadas com os enxovais.

Não foi por acaso que eu, a psicodramatista, cheguei por último no grupo. Eu precisava dessas experiências de convívio positivo em grupo para acreditar no trabalho com grupos. Desde a minha participação no grupo de culinária árabe, nas aulas de dança do ventre e no relacionamento com amigas, pude acreditar na força do grupo e da mulher, no que tange à sua peculiaridade na forma de se colocar no mundo. Minhas experiências até então não tinham sido positivas, o que havia gerado para mim sofrimento e desilusão. Nada poderia ter sido melhor do que realizar esse trabalho com

um grupo de mulheres que usam uma forma genuinamente feminina para ajudar o próximo e se ajudarem durante o trabalho com as mãos e das conversas em que elas compartilham alegrias e angústias.

De volta ao Brasil, continuava a dificuldade de montar um grupo e foi pensando e refletindo sobre isso, que imaginei que na época em que Moreno começou o trabalho com grupos, e na época em que o psicodrama começou a se estabelecer aqui no Brasil, nossa forma (cultural) de nos relacionarmos era diferente.

Durante o período da ditadura brasileira a população estava mais propensa a se reunir em grupos, nos hospitais o atendimento em grupo era mais divulgado do que hoje em dia, a psicoterapia de grupo estava em “alta”. Acredito que atualmente estamos passando por um período muito individualista, em consequência do crescimento das multinacionais, em que o modelo estrangeiro, mais fortemente o americano, começou a ser valorizado. O foco é investir fortemente na competitividade, o que contaminou e contamina nossa vida social. Ficamos mais individualistas, reféns da produtividade e do ganho financeiro. Acredito que houve uma mudança macro.

Até hoje as empresas fornecem treinamento para seus funcionários desenvolverem ou aprimorarem o trabalho em equipe. Aos poucos, o trabalho voluntário veio ganhando espaço. Até alguns anos atrás, esse era um dos motivos para selecionar um candidato: se ele fizesse algum tipo de trabalho voluntário, era um ponto a favor na hora da contratação.

Por que trago à pauta essa mudança de valores? Porque considero que para acontecer o trabalho em grupo na psicoterapia de grupo, é indispensável generosidade, empatia e respeito ao próximo, algo que a nossa sociedade talvez esteja, de alguma forma, resgatando com as manifestações/protestos realizados durante o ano de 2013. Porém a “massa” ainda não está preparada. Na primeira e grande manifestação havia pessoas a favor da redução da tarifa de ônibus, outros contra a corrupção ou reivindicando a favor da saúde, educação, segurança e moradia. Ainda não sabemos nos organizar inteiramente para uma causa única, mas começamos a entender a importância disso.

Minha geração e as sucessoras estão começando a constatar a força do grupo organizado. Para Moreno (2008) os grupos ilegítimos ou informais são aqueles que têm a multidão e a “massa” como característica, em que a matriz sociométrica é mais difícil de ser reconhecida, pois nela consistem várias constelações como: tele, átomo, superátomo ou molécula, que podem estar ligados a outros feixes de átomos por meio de cadeias ou de redes interpessoais (socióide). Para ele o átomo social é um conjunto de atrações, repulsões e indiferenças dentro de um grupo social.

Acredito que esses aspectos sociais contribuem significativamente para nossa forma de nos relacionar e estabelecer vínculos. Se estamos num momento em que não é fácil montar um grupo para psicoterapia de grupo é porque nossa sociedade pode estar voltada para o desenvolvimento individual e é de acordo com o que aprendemos, dentro ou fora da família, que desempenhamos nossos papéis. Para França e Benedito *apud* Bustos (2005) o cacho de papéis são modelos relacionais vivenciados ao longo da vida e são integrados e incorporados em nossas dimensões familiares e sociais. Essas experiências se tornam a base que moldará futuros vínculos e sempre estarão presentes e podem se manifestar de forma criativa e espontânea ou conservadora e disfuncional. O primeiro cacho de papéis (que Bustos denomina *cluster*) é o materno, o segundo o paterno e o terceiro – para o qual quero dar ênfase – o fraterno, em que aprendemos a dinâmica das relações de forma simétrica, e isso é essencial para desenvolver a capacidade de compartilhar e estabelecer vínculos mútuos.

Essa capacidade pode ser observada nos grupos de mulheres, seja no trabalho da Elisete Garcia, com o tatadrama, seja no curso de culinária árabe ou nas aulas em grupo de dança no ventre. As mulheres dos grupos que observei se unem para aprender algo, e a cada encontro o vínculo entre elas (incluindo a mim) vai se fortalecendo, o que gera uma grande aceitação de novas integrantes e disponibilidade para ajudar quem precisa. Seja com um gesto ou uma conversa essa força individual se transforma em força coletiva. Acredito que a experiência de estar num grupo de mulheres foi o que transformou o grupo de presidiárias que estavam em situação desfavorável no Líbano, país que carrega na cultura a marca da diferença de gênero, o que, a meu ver, contribui para que essas mulheres, quando estão em grupo, tirem da relação aspectos positivos para o crescimento emocional de todas.

Não é raro, na aula de dança do ventre, durante o alongamento, iniciar-se um assunto que gera outro assunto, que gera outro e assim passarmos a maior parte da aula conversando. Mas o “mágico” desse processo é que na dança final todas estão livres de angústias e, portanto, mais conectadas consigo mesmas, o que resulta em uma dança espontânea, criativa e carregada de emoções, como se estivéssemos em um encontro profundo e único, que poderá ser experimentado apenas naquele momento, e que dificilmente será relatado em sua completude. Knobel *in* Nery e Conceição (2012) fala sobre a construção de grupos e traz uma grande contribuição quando diz que o espaço relacional do grupo, que pode ser proveitoso ou não, ocorre porque a continuidade do relacionamento cria um estado comum, isto é, um sistema de interdependência relacional e construtivo do eu.

O que chamo de “mágico” é a experiência vivencial do encontro que ocorre durante toda nossa vida, de todas as formas que nos é possível.

Almeida (1998) apresenta várias formas de encontro, que nos ajudam a diferenciar claramente a proposta moreniana. Primeiro os mais conhecidos pelo nosso cotidiano:

- *Encontro passionai*: o encontro dos amantes, das pessoas que amam de forma apaixonada, a fusão de corpos sem medir as consequências, há um enfeitiçamento literal da relação.
- *Encontro amoroso*: onde dominam os sonhos, os carinhos, sem escândalos ou promessas, envolve uma relação de modo natural e espontâneo.
- *Encontro da amizade*: é forte e terno, não é aleatório, há na relação admiração, generosidade e lealdade mútuas.
- *Encontro intelectual*: instigante e reflexivo, permeado pela curiosidade.
- *Encontro agressivo*: sendo a agressividade um papel bem definido para a conservação da espécie humana, quando estimulada, promove processos psicofisiológicos com respostas emocionais e vão a uma ação de violência verbal e/ou física.

No plano filosófico, historicamente, temos pelo menos dois registros de encontros:

- *Encontro Maiêutico*: vem da Grécia, encontro promovido por Sócrates (469-399 a.C.). *Era um modo de se relacionar com as pessoas através do debate sobre questões de ordem política, moral, religiosa, jurídica e psicológica. Por este caminho ético que Sócrates proporcionava, ele ajudava ao próximo encontrar “a consciência de sua realidade e concretude”.* (ALMEIDA, 1998, p. 106).
- *Encontro Cristão*: faz referência à última ceia de Cristo, quando naquele encontro se compartilham a profunda dor e a pura alegria através do silêncio da oração, na crença misteriosa e na fé indizível.

Encaminhando para o encontro proposto por Moreno, passamos primeiro por esses tipos:

- *Encontros grupais*: caracterizam-se pela ênfase aos sentimentos, afetos e emoções; pela proposta de abertura para o outro (dar-se a conhecer pelo outro); sentido de responsabilidade no trato com os sentimentos dos outros e com os próprios; estímulo à espontaneidade-criatividade.
- *Encontro clínico*: situa-se em nível de um código particular entre o terapeuta e o paciente. É o ver, ouvir e sentir. É o ajudar o paciente, cuidá-lo com desvelo, oferece-lhe instrumentos com que possa assumir sua plena liberdade/espontaneidade.

E o Encontro segundo diferentes abordagens:

- *Encontro Psicanalítico*: seria um encontro impossível dentro da proposta teórica, pois as *“relações humanas seriam tratadas como projeções transferenciais de antigos desejos, jogando o sujeito em impiedosos solipsismos”* (ALMEIDA, 1998, p. 109).
- *Encontro existencial*: para Martin Buber (1878-1965) este encontro acontece dentro da relação Eu-Tu e será autêntico quando não existir

nenhuma interposição de qualquer ordem, nem preconceitos, fantasias e nem mesmo a memória.

Finalmente, o *Encontro Moreniano*: disposição de superar o encontro filosófico ou mítico. O conceito *encontro* surge em Moreno antes de ele estruturar o psicodrama, sua noção já se encontra em *As Palavras do Pai*.

Moreno em *Quem Sobreviverá?* define:

“Encontro” significa mais do que vaga relação interpessoal. Significa que dois ou mais atores se encontram, não apenas para se defrontarem, porém, para viverem e experimentarem um ao outro, como atores por direito nato, não como encontro forçado. “profissional” [...]. Em um encontro, as duas pessoas estão lá, especialmente, com toda a sua força e toda a sua franqueza, dois atores humanos fervendo de espontaneidade e apenas, parcialmente, conscientes de seus objetivos mútuos. Somente pessoas que se encontram podem formar grupo natural e começar verdadeira sociedade de seres humanos. (MORENO, 1992, p. 169).

O encontro está diretamente relacionado ao indivíduo em relação com outro, justamente porque o seu eixo fundamental está no homem enquanto ser social; nós nascemos inseridos em um contexto social, fazendo com que necessariamente dependamos do contato com o outro para sobreviver.

A seguir faço uma explanação de minhas percepções e observações sobre o trabalho realizado com o grupo de mulheres, objeto desta monografia.

A cada encontro esse grupo de mulheres busca, à sua maneira, sobreviver diante da adversidade que a vida lhes propôs; o destino reservou à maioria das componentes, uma dor imensa que é transformada a cada dia. E com a ajuda mútua vivenciada nos encontros às quintas-feiras, elas podem ajudar também outras mulheres.

Elas se reúnem há muitos anos, como já mencionado na introdução deste trabalho, para ajudar gestantes carentes, portanto, quando cheguei, o grupo já estava montado. Em apenas um encontro pude notar o quanto o sentimento fraterno estava presente entre elas. Havia da parte de todas integrantes muita disposição e interesse

em ajudar Marta a solucionar seu drama, ela que, por sua vez, experimentava uma amarga relação de rejeição com a sogra de seu filho, atitude esta que não era praticada entre elas o que lhes causava muita estranheza.

Não é por acaso que elas estão há tantos anos juntas e dispostas a ajudar e se ajudar. O encontro que acontece às quintas-feiras serve também para colocar a conversa em dia, elas se ajudam entre si, seja dando conselhos ou apenas ouvindo, como os árabes fazem.

Eu me senti privilegiada porque entrei em um grupo acolhedor para trabalhar, fui a última a chegar, o trabalho tinha de ser inverso mas, nesse caso, eu não precisaria formar o grupo, precisaria me inserir e foi nessa atmosfera que eu cheguei. Fiquei aproximadamente quinze minutos observando-as para lentamente ir me aquecendo e para adentrar cuidadosa, como uma visita se comporta na casa de alguém; não queria tirar nada bruscamente do lugar. Confesso que por alguns minutos fiquei insegura, com receio de não conseguir me comunicar bem, no sentido de não falar “a mesma língua” que elas. Era um momento de atenção e tensão vividos por mim. Mas após os primeiros cinco minutos fui me aquecendo, me lembrando das vivências que tive com grupos frequentados apenas por mulheres, situações essas citadas no capítulo “História de uma Introdução” deste trabalho.

Para Castanho *in* Mota (1995) o aquecimento é importante em todo início do jogo dramático porque ele tem como objetivo preparar o grupo para a dramatização. Cukier (1992) explica que o objetivo inicial do aquecimento é o de desligar a pessoa ou grupo das tensões relacionadas aos conflitos psíquicos, bem como das tensões do cotidiano, trazendo o foco para o trabalho. O aquecimento ajuda a trazer os pensamentos para o aqui e agora, para poder mergulhar no que vai ser trabalhado, é um convite suave para se sair da realidade vivida e entrar no espaço do “como se”. Portanto, o aquecimento visa situar o grupo na sessão de trabalho, focando sua atenção em si mesmo ou no grupo.

Conforme comecei o aquecimento inespecífico, como forma de apresentação, elas foram rapidamente entrando em contato com suas dificuldades e o tema protagonista foi escolhido. Para Perazzo (2010) o aquecimento inespecífico é uma etapa

que pode ou não conter ação dramática, com a finalidade de buscar o emergente ou emergentes grupais e o representante grupal. Percebi que rapidamente o grupo estava em clima protagônico, ou seja, num momento em que as atenções, sentimentos e sensações convergem para o mesmo ponto, isto é, depositam em um membro do grupo a indicação de qual caminho será seguido. (PERAZZO, 2010).

Após a segunda rodada de apresentação, falando o que cada uma tinha dificuldade de lidar, apareceu um tema em comum que foi a dificuldade de dizer não. Surge nesse momento o tema protagônico ou drama coletivo grupal, que nada mais é do que o assunto que foi construído e desenvolvido durante o ato psicodramático. (FALIVENE ALVES *in* PERAZZO, 2010). Porém, diante do desabafo de Marta no início da dramatização, optei intuitivamente em não pesquisar explicitamente a dificuldade de dizer não, escolhi uma cena única para ser trabalhada, um caminho implícito, que correspondia como que a uma radiografia do relacionamento entre Marta e Valéria (sogra de seu filho). Um *flesh* específico de uma dada complementaridade de papéis sociais.

Durante o aquecimento específico, que é aquele que prepara para a cena psicodramática, Marta é escolhida como representante grupal para trabalhar o tema protagônico e tornou-se a protagonista do grupo. Ela representava no palco psicodramático o grupo; de alguma forma todas se sentiram tocadas em suas próprias histórias, houve uma espécie de ajuda coletiva.

Para a montagem de cena Bustos (2005) nos fala que o primeiro elemento que nos defrontamos na dramatização é a montagem do cenário. Nele inclui a colocação dos elementos mais importantes que constituem a base da cena que será visitada ou revisitada no espaço do “como se”. A cena precisa ser limpa, no sentido de que todos que estejam assistindo possam compreender onde ocorre a ação. O diretor pede para o protagonista que descreva os detalhes e seus significados, mostrando o local das portas e janelas, bem como os móveis. Esses elementos servem para manter a credibilidade do grupo. Perazzo (2010) prefere, muitas vezes, permanecer no campo imaginário, sem a utilização de objetos ou almofadões, pois estes podem prejudicar o livre deslocamento da equipe e do protagonista. Outro elemento fundamental que

comporá a ação dramática é o tempo. É importante que o diretor investigue junto com o protagonista, enquanto a ação transcorre, a idade do protagonista naquele momento, portanto o diretor precisa ajudar o protagonista a recriar o tempo, utilizando-se do aquecimento e do presente do indicativo na expressão verbal.

As etapas da dramatização da cena devem ser: investigação, elaboração e resolução. Foi o que fiz com Marta: eu a aqueci e não fiz uso de almofadas, apenas das cadeiras presentes na cena, já que era uma conversa.

Nos momentos mais tensos da cena, em que Marta conversa com Valéria e toma o papel dela, havia um tipo de silêncio que caracterizo aqui como "respeitador", a plateia tinha os olhos vidrados, ora na cena que estava sendo desenvolvida, ora no tricô. Para que Marta visse a cena de fora utilizei da técnica do espelho. A técnica do espelho é uma forma de transformar o protagonista em espectador de si mesmo, da cena desenvolvida por ele. Ele é posicionado ao lado do diretor (no caso chamei uma integrante do grupo), afastado da cena e um ego-auxiliar pode assumir seu lugar para facilitar a visualização (o que não foi necessário). Já a inversão de papéis ocorre apenas quando as pessoas estão de fato presentes na dramatização, caso contrário ela é chamada de tomada de papel, segundo alguns autores. Nesse caso considero que tenha ocorrido a tomada de papel. (GONÇALVES apud MONTEIRO, 1998). Cabe ressaltar que Perazzo (2010) discorda dessa separação criada entre a diferença da "inversão de papel" para "tomada de papel". Para ele, quando o diretor diz "inverte", o protagonista automaticamente troca de lugar, pouco importa se o personagem é desempenhado por um ego-auxiliar ou se está presente na sessão. Para ele tomada de papel é apenas a primeira fase de uma inversão de papel, e que acontece simultaneamente ao jogo de papel e a criação no e do papel, portanto não há como separar uma tomada de papel da inversão de papel. Para Perazzo (2010) a inversão de papel é uma técnica que, não importa se bem ou mal executada, com as pessoas reais ou ego-auxiliares, será sempre uma inversão de papel.

Quando a cena estava entrando na etapa de resolução eu me posicionei ao lado da pessoa que ocupava o lugar do filho e fiz um duplo, pois percebia que Marta não conseguia entender o que ocorria na relação com o filho, mesmo quando Valéria não

estava no meio para interferir. Para Cukier (1992) o objetivo do duplo é entrar em contato com a emoção não verbalizada ou não conscientizada do protagonista, tendo como finalidade auxiliar o protagonista a expressá-la. As verbalizações devem ser breves e precisas procurando mostrar o que este (ego-auxiliar ou diretor) percebe, assumindo a postura física do protagonista e através dela empatizar com sua vivência emocional. Em seguida o duplo deve começar a colocar em dúvida os sentimentos formulados pelo protagonista e ir experimentando a possibilidade de motivações e emoções novas naquele papel. Por fim o duplo deve afirmar e concretizar essas novas possibilidades. Para Perazzo (2010) o duplo não é uma técnica cuja finalidade encerra-se nela mesma, para ele o duplo é uma pequena dramatização, que tem em sua essência um caminho revelador de conteúdos latentes, colocando a descoberto iniciadores emocionais e corporais, podendo ser aplicado na etapa do aquecimento inespecífico pelo ego-auxiliar ou diretor, ou seja, o diretor não precisa pedir para que o ego-auxiliar faça um duplo, porque se a percepção foi dele (diretor), ele mesmo pode falar, não é necessário pedir para que alguém o faça. O duplo durante uma dramatização pode ser tanto para o protagonista como para um personagem do próprio protagonista, gerando *insights* psicodramáticos, no curso da dramatização. Para esse autor, colocar-se ao lado do protagonista e expressar um questionamento de conteúdos não é obrigatório na construção de um duplo, trata-se apenas de um momento de um aquecimento interno daquele que faz o duplo e, portanto, pode ser exteriorizado ou não.

Cukier (1992) aponta os perigos do duplo: o duplo não se integrar no papel e confrontar o protagonista com emoções e sentimentos que não são necessariamente dele; ou o duplo integrado no papel, porém sem ter tempo suficiente para o protagonista sentir a emoção, que pode acabar redundando num descompasso entre o que o protagonista sente e o que foi falado através do duplo, estimulando assim, mecanismos defensivos.

Muitas vezes a técnica do duplo permite ao ego-auxiliar uma profunda intuição de seus estados inconscientes e quando o duplo cumpre sua função efetivamente, é aceito pelo protagonista, caso contrário é rejeitado. (GONÇALVES *apud* MONTEIRO, 1998)

Marta manifestou nunca ter pensado que ela pudesse ajudar o filho, pois ele não se aproximava porque não sabia fazer diferente, o que me levou a acreditar que o duplo foi bem sucedido. Encerramos a cena nesse momento, com Marta fazendo um contrato de ajuda com o filho, para que a relação entre eles fique mais próxima, do jeito que ela deseja.

Passamos para a etapa do compartilhamento. O grupo estava nitidamente junto com Marta e todas queriam ajudar dando suas impressões e conselhos. Marta começou a se justificar e eu tentei mostrar um modelo de compartilhamento, que apesar de ser acolhido por elas, não foi muito seguido porque elas têm intimidade suficiente entre si para falar o que pensam. E eu considerei que essa era a forma de elas se ajudarem, afinal há anos essa forma está dando certo.

Pesquisei diversos autores que tratam sobre o compartilhamento e pude identificar semelhanças na tratativa sobre o tema, fiz então, a opção de escolher um autor para representar um tema tão importante e relevante para o trabalho psicodramático: Dalmiro Bustos.

Para Bustos (2005) o processamento ocorre em grupos didáticos, e o mesmo deve conter os passos seguidos com maior dedicação aos detalhes, pois a partir de sua leitura buscamos compreender as prováveis alternativas. Ele deve incluir aspectos técnicos e dinâmicos do protagonista, porque assim poderemos rever com facilidade o que aconteceu. Ao encarregado pelo registro sugere-se ampliar seus conhecimentos, buscando leituras relacionadas ao tema em questão. O grupo, por sua vez, reflete sobre o que se passou e amplia suas dimensões, assim o aluno é parte ativa do processo de aprendizagem, e para isso o grupo precisa estar disposto a compartilhar, a fim de evitar julgamento de valores. Essa postura deve ser cumprida inclusive pelo diretor. No grupo não-didático o processamento não cabe, mas o diretor precisa estar atento para que não ocorra comentários, fazendo com que cada membro do grupo se inclua no que aconteceu por meio das vivências evocadas, a fim de evitar que o protagonista se transforme em bode expiatório, ou seja, alvo das projeções do grupo.

O autor dedica em seu livro um capítulo para falar da terceira etapa: o compartilhamento, que é o momento do grupo e da unidade funcional dar o retorno ao

protagonista, que foi eleito como porta voz. “[...] a consigna² é: agora cada um precisa sentir em que ponto foi tocado pela dramatização” (BUSTOS 2005, p. 91). Não se fala do protagonista, mas de si mesmo. Para essa etapa muitas vezes é preciso que ocorra um pequeno aquecimento, pois muitas vezes o compartilhamento mais significativo ocorre após um certo tempo, pois é uma tarefa difícil se desligar da cena que acabou de ser dramatizada. (O que sinto que ocorreu neste grupo.) Em silêncio e introspectivos, pensamos sobre o que aconteceu conosco naquele momento e para quais aspectos internos eventualmente fomos conduzidos. (BUSTOS, 2005).

Ele faz ainda algumas considerações sobre a etapa do compartilhamento:

1. Pode ocorrer, por exemplo, que o grupo resista em comentar, percebe-se uma forte carga de tensões, os pacientes tentam tirar conclusões intelectuais, com objetivo de resolver a tensão. A sensação de frustração persiste porque o tema tratado não foi emergente do grupo ou o protagonista (um, vários ou o grupo) mostrou forte resistência e não chegou a comprometer-se.
2. Também pode ocorrer que os comentários sejam centrados no protagonista, evitando entrar em contato com aspectos mobilizados em cada um. Apesar de parecerem conteúdos afetivos, predominam as soluções racionais. Isso ocorre quando o grupo torna o protagonista depositário do tema tratado (bode expiatório), pois o conteúdo é ameaçador, o que gera uma atmosfera de temor.
3. Um compartilhamento espontâneo surge quando, através do protagonista, a dramatização faz “sumir” o grupo, pois maneja-se conteúdos profundos e uma vez terminada essa etapa, o grupo “reaparece” com o enriquecimento de todos. O compartilhamento se cumpre integralmente, as colocações interferem na integração de algum membro do grupo. A atmosfera é de emoção profundamente compartilhada.

² Consigna: termo da língua espanhola que significa instrução em português.

4. Ocorre uma catarse de integração, que é um fenômeno que se dá no grupo, resultado da catarse do protagonista, que é seu representante. Ele desencapsula um papel imaginário conservado numa explosão de espontaneidade e criatividade. (PERAZZO, 2010). É comum nessas situações o grupo buscar apenas contato corporal, porque está tudo muito claro. Um compartilhamento mudo. Um compartilhamento de emoções. Os conteúdos acabam reaparecendo em sessões posteriores exigindo uma elaboração de aspectos mobilizados pela dramatização. (BUSTOS, 2005).

Na grande maioria dos trabalhos psicodramáticos o compartilhamento encerra o ato e aqui não poderia ser diferente. Compartilho, neste final, minhas percepções e sentimentos. Trabalhar com essas mulheres foi muito enriquecedor e prazeroso para mim. Eu me senti muito acolhida e constatei que elas estão prontas para ajudar umas às outras, o que me motivou a continuar trabalhando com elas. No dia em que devíamos ter o segundo encontro, uma das integrantes do grupo me ligou desmarcando, porque algumas delas estavam com problemas de saúde, uma passaria por uma cirurgia e outra estava na UTI. Naquele dia, quando me ligaram, estavam apenas em três pessoas, mas estavam terminando a tarefa do dia que era montar os enxovais. Estou na expectativa do próximo contato para continuar esse gratificante trabalho.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Wilson C. **Formas de Encontro**. São Paulo: Ágora, 1988.

BRITO Valéria. **Um convite à pesquisa: epistemologia qualitativa e psicodrama**. In: Pesquisa Qualitativa e Psicodrama. MONTEIRO, A. MERENGUÉ, D. BRITO, V. São Paulo: Ágora, 2006.

BUSTOS, Dalmiro M. **O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática**. 3ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Ágora, 2005.

CUKIER, Rosa. **Psicodrama Bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente**. São Paulo: Ágora, 1992.

_____. **Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria**. São Paulo: Ágora, 2002.

GARCIA, Elisete Leite; MALUCELLI, Maria Ivette Carboni. **Tramas e dramas do boneco de pano no tatadrama**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

GONÇALVES, Camila Salles. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1988.

MERENGUÉ, Devanir. **Psicodrama e investigação científica**. In: Pesquisa Qualitativa e Psicodrama. MONTEIRO, A.; MERENGUÉ, D.; BRITO, V. São Paulo: Ágora, 2006.

MONTEIRO, Regina F. (org.). **Técnicas fundamentais do psicodrama**. 2ª edição. São Paulo: Ágora, 1998.

MORENO, Jacob L. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama: Introdução à teoria e à praxis**. 1ª. edição em português. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1974.

_____. **Quem Sobreviverá?: Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de grupo e Sociodrama**. Vol. 1. 1ª ed. brasileira. Goiânia: Dimensão, 1992.

_____. **Quem sobreviverá?: Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama**. Edição do estudante. São Paulo: Daimon, 2008.

MOTTA, Júlia M. C. (Org.) **O jogo no psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1995.

NERY, Maria da Penha e CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo (Org.). **Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos**. São Paulo: Ágora, 2012.

PERAZZO, Sergio. **Psicodrama: O forro e o avesso**. São Paulo: Ágora, 2010.